ISSN: 2358-8829

CLASSIFICADORES EM LIBRAS E SUA RELAÇÃO COM METÁFORAS VISUAIS NO DISCURSO

Ms. Marcos Paulo de Almeida [1]

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) constitui uma língua natural de modalidade visual-espacial, dotada de estrutura gramatical própria e utilizada pela comunidade surda brasileira em diferentes contextos sociais, educacionais e culturais. Seu reconhecimento legal ocorreu por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão. Compreender sua organização linguística exige considerar não apenas os sinais convencionais, mas também os recursos que possibilitam a construção de significados por meio do corpo, do espaço, do movimento e das expressões não manuais.

Entre esses recursos, destacam-se os classificadores, construções linguísticas que permitem representar características de entidades, formas, tamanhos, movimentos, posições e relações espaciais. Conforme Quadros e Karnopp (2004), as línguas de sinais apresentam propriedades linguísticas próprias, cuja organização não pode ser explicada simplesmente pela transposição de estruturas das línguas orais. Nesse sentido, os classificadores contribuem para a organização do discurso em Libras, favorecendo a descrição de acontecimentos, a representação de personagens e a construção de narrativas visuais.

A relação entre classificadores e metáforas visuais constitui um campo relevante para os estudos linguísticos, especialmente porque a modalidade visual-espacial possibilita estabelecer associações entre experiências concretas e conceitos abstratos. A metáfora, nessa perspectiva, não se restringe à linguagem figurada presente nas línguas orais, mas participa dos processos de organização do pensamento e da construção de sentidos. Lakoff e Johnson (1980) compreendem a metáfora conceptual como um mecanismo pelo qual experiências de um domínio são utilizadas para compreender outro domínio.

[1] Mestre em Tradução pela Universidade Nacional de Brasilia -UNB -

ISSN: 2358-8829

No discurso em Libras, os recursos corporais e espaciais podem contribuir para a expressão de sentimentos, ideias, experiências subjetivas e conceitos abstratos. Entretanto, é importante reconhecer que nem todo classificador constitui uma metáfora visual: enquanto algumas construções representam diretamente características e movimentos de entidades, outras podem participar de processos metafóricos quando estabelecem relações conceituais entre diferentes domínios de experiência. Essa distinção permite compreender a complexidade dos recursos linguísticos e expressivos da língua.

A discussão também se relaciona à tradução literária para Libras, na qual a reprodução literal de palavras pode comprometer aspectos simbólicos, estéticos e culturais do texto original. O estudo de Almeida (s.d.), apresentado no artigo-base disponibilizado para esta pesquisa, destaca o uso de classificadores na tradução de *O Pequeno Príncipe* e evidencia o potencial desses recursos para representar personagens, movimentos e situações narrativas. A análise reforça a importância de considerar a visualidade e a organização espacial na construção dos sentidos em textos sinalizados.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre classificadores e metáforas visuais no discurso em Libras, considerando suas contribuições para a construção de sentidos, a expressividade linguística e a representação de conceitos abstratos. Especificamente, busca-se compreender as funções dos classificadores na organização discursiva, discutir sua relação com a metáfora conceptual e refletir sobre suas implicações para a tradução literária e a valorização da experiência visual da comunidade surda.

A relevância desta pesquisa está na possibilidade de ampliar a compreensão dos recursos linguísticos da Libras e contribuir para a formação de professores, tradutores e intérpretes. Ao investigar a articulação entre classificadores, metáforas e discurso, pretende-se evidenciar que a construção de sentidos nessa língua envolve escolhas linguísticas, culturais e discursivas que ultrapassam a correspondência direta entre palavras e sinais.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de natureza bibliográfica e documental, com abordagem descritivo-analítica. A escolha dessa abordagem justifica-se pela necessidade de compreender os classificadores e sua relação com as metáforas visuais a partir de conceitos teóricos e de exemplos de uso em contextos discursivos.

ISSN: 2358-8829

Conforme Godoy (1995), a pesquisa qualitativa permite examinar fenômenos considerando seus significados e as relações estabelecidas no contexto em que ocorrem. Gil (2002), por sua vez, apresenta a pesquisa bibliográfica como procedimento fundamentado em materiais já publicados.

O levantamento teórico tomou como referência os estudos de Quadros e Karnopp (2004), Lakoff e Johnson (1980) e Strobel (2008), além das discussões sobre classificadores, tradução literária e espaço metafórico presentes no material fornecido. Também foi considerado o artigo-base *O uso de classificadores na tradução de Língua Brasileira de Sinais – Libras*, de autoria atribuída a Marcos Paulo de Almeida, que apresenta uma análise da tradução de *O Pequeno Príncipe* para Libras. A utilização desse material permitiu relacionar os conceitos linguísticos às possibilidades de representação visual em narrativas sinalizadas.

A análise foi organizada em três eixos: a) funções dos classificadores na representação de entidades, movimentos e relações espaciais; b) relação entre visualidade, iconicidade e construção de metáforas; e c) contribuições desses recursos para a expressividade discursiva e a tradução literária. Os exemplos discutidos foram interpretados à luz dos conceitos teóricos selecionados, buscando identificar as possibilidades de construção de sentidos e suas implicações linguísticas e culturais. Por se tratar de uma pesquisa bibliográfica e documental, sem coleta de dados com participantes, os resultados não pretendem representar a totalidade dos usos dos classificadores em Libras, mas contribuir para a compreensão de suas funções e potencialidades discursivas.

REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A Libras como língua visual-espacial

A compreensão da Libras exige o reconhecimento de sua condição de língua natural, organizada por princípios linguísticos próprios. Quadros e Karnopp (2004) discutem aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua de sinais brasileira, demonstrando que sua estrutura não se reduz a gestos ou representações visuais isoladas. A produção dos sinais envolve a articulação de parâmetros linguísticos, como

configuração de mão, localização, movimento, orientação da palma e componentes não manuais.

A modalidade visual-espacial influencia as possibilidades de organização do discurso, permitindo que informações sejam distribuídas no espaço de sinalização e articuladas por meio do movimento corporal. Diferentemente de uma comunicação baseada exclusivamente na sequência linear da fala, o discurso em Libras pode integrar simultaneamente diferentes informações visuais, respeitando as regras linguísticas da língua.

Essa característica torna a visualidade um elemento fundamental para a construção de sentidos. Strobel (2008), ao discutir a cultura surda, destaca a importância da experiência visual na maneira como sujeitos surdos percebem e interpretam o mundo. Essa perspectiva contribui para compreender que os recursos visuais presentes no discurso em Libras não são apenas elementos ilustrativos, mas participam de práticas linguísticas e culturais.

Assim, o estudo dos classificadores deve considerar a relação entre estrutura linguística, organização espacial e contexto discursivo. Esses elementos possibilitam compreender como a Libras representa acontecimentos, estabelece relações entre referentes e produz efeitos expressivos em diferentes situações comunicativas.

3.2 Classificadores e construção do discurso em Libras

Os classificadores são recursos linguísticos associados à representação de entidades e de suas propriedades, incluindo formas, dimensões, posições, movimentos e relações espaciais. Em construções classificadoras, a configuração de mão e outros componentes do sinal podem representar características de um referente ou a maneira como ele se desloca e se relaciona com outros elementos no espaço.

A análise dessas construções exige cautela terminológica, pois a literatura sobre línguas de sinais apresenta diferentes interpretações acerca da natureza e da organização dos classificadores. Por isso, neste trabalho, o termo é empregado de maneira abrangente para designar construções classificadoras que participam da representação visual e espacial no discurso, sem pressupor que todas apresentem o mesmo funcionamento gramatical.

Quadros e Karnopp (2004) contribuem para a compreensão da estrutura linguística da Libras, enquanto os estudos de Supalla (1986), desenvolvidos a partir da Língua de Sinais Americana (ASL), oferecem referências para a discussão dos sistemas classificadores nas línguas de sinais. Embora os resultados sobre a ASL não devam ser transferidos automaticamente para a Libras, esses estudos ajudam a compreender a complexidade das construções que representam entidades, movimentos e localizações.

No discurso narrativo, os classificadores podem favorecer a visualização de personagens, objetos e acontecimentos. Em uma narrativa literária, por exemplo, a representação de um avião em movimento pode recorrer a uma configuração manual que delineia sua trajetória no espaço. Da mesma forma, características de um animal podem ser representadas por recursos corporais e espaciais que contribuem para a compreensão da cena.

Essas construções ampliam as possibilidades expressivas da língua porque permitem apresentar informações que, em uma tradução palavra por palavra, poderiam exigir explicações adicionais ou perder parte de sua dimensão visual. Entretanto, a escolha de uma construção classificadora depende do contexto, do referente, da intenção discursiva e das convenções linguísticas da Libras.

3.3 Metáforas conceptuais e metáforas visuais

A metáfora é frequentemente associada à linguagem figurada, à poesia e à literatura. Entretanto, Lakoff e Johnson (1980) demonstram que ela também constitui um mecanismo de organização conceptual, por meio do qual experiências de um domínio são compreendidas a partir de outro. Dessa forma, a metáfora participa não apenas da expressão linguística, mas também dos modos pelos quais as pessoas interpretam experiências e constroem significados.

A teoria da metáfora conceptual permite investigar como conceitos abstratos podem ser compreendidos por meio de experiências concretas, como movimento, espaço, direção, distância e trajetória. Expressões relacionadas a avançar na vida, superar obstáculos ou estar em uma situação difícil, por exemplo, podem mobilizar experiências espaciais para organizar sentidos que não se limitam à movimentação física.

Nas línguas de sinais, a modalidade visual-espacial oferece possibilidades específicas para a expressão dessas relações. Taub (2001), ao estudar a iconicidade e a metáfora na ASL, discute como estruturas visuais podem participar da construção de

significados linguísticos e conceptuais. Sutton-Spence e Woll (1999), por sua vez, contribuem para a compreensão dos recursos poéticos e metafóricos nas línguas de sinais.

Nesse contexto, a metáfora visual pode ser compreendida como uma construção discursiva na qual elementos visuais e espaciais participam da expressão de relações conceptuais. O espaço de sinalização, os movimentos e a representação corporal podem contribuir para tornar perceptíveis relações entre experiências concretas e ideias abstratas.

É necessário, contudo, distinguir iconicidade e metáfora. A iconicidade diz respeito à relação de semelhança entre aspectos da forma linguística e características do referente ou da experiência representada. A metáfora, por sua vez, envolve uma relação conceptual entre domínios distintos. Uma construção pode apresentar iconicidade sem necessariamente constituir uma metáfora; também pode mobilizar simultaneamente recursos icônicos e metafóricos.

Essa distinção é importante para analisar a Libras sem reduzir sua complexidade à ideia de que toda representação visual é metafórica. O significado de uma construção deve ser interpretado considerando sua organização linguística, o contexto de produção e as relações conceptuais efetivamente estabelecidas no discurso.

3.4 A relação entre classificadores e metáforas visuais

A relação entre classificadores e metáforas visuais pode ser investigada a partir das possibilidades de representação de experiências concretas e abstratas no discurso em Libras. Os classificadores podem participar de construções que organizam visualmente uma narrativa, enquanto os processos metafóricos podem atribuir significados conceptuais a movimentos, posições, trajetórias e relações espaciais.

Essa relação não significa que os classificadores sejam, por definição, metáforas. Em determinadas situações, eles representam diretamente a forma ou o deslocamento de um objeto. Em outras, uma construção classificadora pode integrar uma organização metafórica mais ampla, desde que o contexto permita identificar a relação entre diferentes domínios conceptuais.

Por exemplo, a representação espacial de uma trajetória pode descrever literalmente o deslocamento de um personagem. Em outro contexto, uma trajetória semelhante pode contribuir para expressar a ideia abstrata de progresso, transformação ou superação. A interpretação metafórica, nesse segundo caso, depende do sentido construído no discurso, e não apenas da presença de movimento.

ISSN: 2358-8829

A articulação entre classificadores, expressões não manuais, incorporação de personagens e organização espacial também pode contribuir para a produção de efeitos poéticos. Sutton-Spence e Woll (1999) oferecem subsídios para compreender a importância dos recursos visuais na construção estética das línguas de sinais. No campo da literatura sinalizada, esses recursos permitem desenvolver narrativas que exploram o corpo e o espaço como componentes da expressão linguística.

Silva e Anjos-Coimbra (2018), ao discutirem o espaço metafórico nas narrativas literárias em língua de sinais, oferecem uma referência diretamente relacionada à temática deste trabalho. A abordagem do espaço metafórico permite compreender que a organização espacial pode participar da produção de sentidos que ultrapassam a localização física de pessoas e objetos.

Dessa maneira, investigar a relação entre classificadores e metáforas visuais exige observar não apenas a forma dos sinais, mas também o contexto discursivo e os efeitos de sentido produzidos. Essa perspectiva favorece uma análise mais consistente da Libras, reconhecendo tanto suas especificidades gramaticais quanto sua capacidade de expressão estética e conceptual.

3.5 Classificadores, tradução literária e cultura surda

A tradução literária para Libras envolve desafios que ultrapassam a correspondência lexical entre português e língua de sinais. A passagem de um texto escrito para uma língua visual-espacial exige decisões relacionadas à construção narrativa, à organização das informações, à representação dos personagens e à preservação dos sentidos simbólicos presentes na obra original.

O artigo-base analisado, dedicado à tradução de *O Pequeno Príncipe*, destaca que o uso insuficiente de classificadores pode limitar a representação de detalhes visuais e comprometer a expressividade da narrativa. O material também apresenta exemplos relacionados à representação de um avião e de uma raposa, demonstrando como construções classificadoras e recursos corporais podem contribuir para a composição das cenas.

Esses exemplos permitem compreender que a tradução para Libras não deve ser reduzida à substituição de palavras do português por sinais isolados. É necessário considerar as possibilidades de construção de sentidos próprias da língua de chegada,

ISSN: 2358-8829

incluindo a disposição espacial dos referentes, a representação dos movimentos e a caracterização dos personagens.

A literatura surda também está relacionada à produção cultural e à valorização das experiências da comunidade surda. Mourão (2011) discute produções culturais de surdos em língua de sinais, contribuindo para a compreensão da literatura como espaço de criação, circulação de conhecimentos e expressão cultural.

Nesse sentido, a utilização de classificadores e de recursos metafóricos pode contribuir para uma tradução literária mais expressiva, desde que as escolhas sejam linguisticamente adequadas e coerentes com a obra. O tradutor precisa compreender tanto os sentidos do texto de partida quanto os recursos linguísticos, estéticos e culturais da Libras.

Portanto, a relação entre classificadores, metáforas visuais e tradução literária evidencia a importância da formação linguística e cultural dos profissionais envolvidos. O domínio desses recursos amplia as possibilidades de produção de narrativas em Libras e favorece o acesso da comunidade surda a obras literárias, sem desconsiderar a especificidade de sua experiência visual.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 Os classificadores como recursos de representação visual e espacial

A análise teórica realizada evidencia que os classificadores podem desempenhar funções importantes na construção do discurso em Libras, especialmente na representação de entidades, movimentos e relações espaciais. Esses recursos permitem organizar visualmente informações que, em determinados contextos, seriam menos expressivas se apresentadas apenas por meio de sinais lexicais isolados.

O artigo-base, ao discutir a tradução de O Pequeno Príncipe, apresenta a representação de um avião em movimento como exemplo de construção classificadora. Nessa situação, a configuração manual e a trajetória realizada no espaço contribuem para representar características do objeto e seu deslocamento. A construção permite ao interlocutor acompanhar visualmente a ação descrita, articulando forma, movimento e localização.

ISSN: 2358-8829

Esse exemplo evidencia o potencial descritivo dos classificadores, mas não deve ser considerado automaticamente uma metáfora visual. Quando a construção representa o deslocamento físico de um avião, sua função principal é descrever uma situação concreta. Para caracterizá-la como metafórica, seria necessário demonstrar que o movimento também expressa um conceito pertencente a outro domínio, como liberdade, queda social ou fracasso, conforme o contexto discursivo.

A distinção é relevante porque permite reconhecer que os classificadores contribuem para a construção de sentidos de diferentes maneiras. Eles podem funcionar na representação literal de acontecimentos e também integrar construções discursivas que mobilizam sentidos figurados. Portanto, a relação com a metáfora precisa ser estabelecida por meio da interpretação contextual, e não apenas pela presença de recursos visuais.

Outro aspecto identificado é a possibilidade de os classificadores articularem diferentes informações em uma mesma construção. A forma de um referente, seu deslocamento e sua relação com outros elementos podem ser apresentados de maneira integrada, contribuindo para a continuidade da narrativa. Essa característica demonstra a importância da organização espacial na produção de significados em Libras.

4.2 A visualidade e a construção de metáforas no discurso

A discussão fundamentada na teoria da metáfora conceptual permite compreender que a expressão de conceitos abstratos pode recorrer a experiências concretas para organizar significados. Em Libras, movimentos, trajetórias, posições e relações espaciais podem participar desse processo, desde que o contexto estabeleça uma associação conceptual entre os elementos representados e o significado pretendido.

Considere-se, como exemplo analítico, a expressão da ideia de superação de dificuldades por meio da representação de um percurso com obstáculos. Se o percurso estiver relacionado a uma experiência de vida, o deslocamento poderá assumir uma dimensão metafórica: a trajetória física passa a contribuir para a compreensão de um processo abstrato de enfrentamento e transformação.

Nesse caso, os recursos espaciais e classificadores podem integrar a representação visual do percurso, mas a metáfora não reside exclusivamente na configuração manual. Ela se estabelece pela relação conceptual entre o deslocamento representado e a experiência abstrata de superar dificuldades. Trata-se de um exemplo interpretativo que

ilustra a possibilidade de análise, e não de um dado extraído de um vídeo específico do corpus.

Essa perspectiva permite compreender que a metáfora visual não depende necessariamente da representação de um objeto concreto. Ela pode emergir da maneira como o espaço é organizado discursivamente, das relações estabelecidas entre referentes e das escolhas linguísticas que orientam a interpretação do interlocutor. A visualidade da Libras, portanto, oferece recursos para expressar relações conceptuais de forma espacialmente organizada. Entretanto, a análise dessas construções exige atenção ao contexto e às convenções da língua, evitando interpretações baseadas apenas na semelhança visual entre um sinal e uma imagem.

4.3 A representação de personagens e a expressividade narrativa

Outro exemplo presente no artigo-base é a representação da raposa em O Pequeno Príncipe. O material descreve o emprego de recursos classificadores associados a expressões faciais e à caracterização corporal do personagem. Esses elementos contribuem para a composição visual da narrativa e para a apresentação de características relevantes à compreensão da cena. A representação de personagens demonstra que a construção do discurso em Libras pode integrar diferentes recursos linguísticos e expressivos. A configuração manual, o movimento, a localização, as expressões não manuais e a incorporação do personagem podem participar da construção de uma imagem narrativa coerente com o contexto.

É importante, entretanto, não confundir automaticamente a representação de um animal com uma metáfora. Quando os recursos utilizados caracterizam diretamente a raposa, predomina a representação do personagem. Uma interpretação metafórica exigiria identificar um sentido adicional atribuído à figura, como a associação da raposa a determinado comportamento humano ou a uma ideia abstrata, conforme o contexto da narrativa.

Essa diferenciação permite compreender a complexidade da tradução literária em Libras. A expressividade pode resultar tanto da representação visual direta quanto da construção de sentidos figurados. Em ambos os casos, os recursos linguísticos contribuem para a experiência estética do interlocutor.

A análise também reforça a importância de considerar a organização discursiva como um todo. A compreensão de uma narrativa não depende de um classificador isolado, mas da articulação entre os elementos linguísticos, a sequência dos acontecimentos e o contexto em que os sinais são produzidos.

4.4 Implicações para a tradução literária em Libras

Os exemplos discutidos permitem refletir sobre os desafios da tradução literária para Libras. A tradução de uma obra escrita envolve a interpretação de imagens, metáforas, relações simbólicas e características dos personagens que nem sempre encontram equivalentes diretos na língua de chegada. Conforme discutido no artigo-base, a tradução de O Pequeno Príncipe apresenta situações nas quais o emprego de classificadores contribui para a representação de movimentos, personagens e cenas. O material também chama a atenção para as limitações de traduções excessivamente literais, que podem deixar de explorar possibilidades expressivas disponíveis na língua de sinais.

Essas observações sugerem que a qualidade da tradução depende não apenas da identificação dos significados lexicais, mas também da capacidade de reconstruir os sentidos da obra por meio dos recursos linguísticos e discursivos da Libras. O tradutor precisa avaliar quais elementos devem ser representados visualmente, como o espaço pode ser organizado e de que maneira as relações metafóricas podem ser preservadas ou recriadas.

Isso não significa que a tradução deva acrescentar livremente sentidos inexistentes no texto original. A recriação precisa respeitar o contexto, a intenção comunicativa e as características literárias da obra, ao mesmo tempo que considera as possibilidades expressivas da língua de chegada. Nesse processo, o domínio dos classificadores e a compreensão dos mecanismos metafóricos podem favorecer escolhas tradutórias mais adequadas. A formação de tradutores e intérpretes deve, portanto, contemplar o estudo da estrutura linguística da Libras, da iconicidade, da metáfora, da organização espacial e dos recursos estéticos presentes nas narrativas sinalizadas.

4.5 A dimensão linguística, cultural e identitária

A discussão desenvolvida também evidencia que os classificadores e as metáforas visuais precisam ser compreendidos em sua relação com as práticas linguísticas e culturais da comunidade surda. A experiência visual não constitui apenas uma

ISSN: 2358-8829

característica perceptiva, mas participa das formas de produção, circulação e interpretação de significados.

Strobel (2008) contribui para essa compreensão ao discutir a cultura surda e a centralidade da experiência visual. No contexto da literatura sinalizada, essa perspectiva permite reconhecer a importância de produções que exploram as possibilidades linguísticas e estéticas da Libras, respeitando as experiências e referências culturais de seus usuários.

A utilização de classificadores em narrativas literárias pode ampliar a expressividade do discurso, favorecer a visualização de acontecimentos e contribuir para a construção de experiências estéticas. Quando articulados a outros recursos linguísticos, esses elementos também podem participar da expressão de sentidos simbólicos e metafóricos. Entretanto, a valorização da visualidade não deve conduzir à compreensão da Libras como uma língua universal de imagens. Os sinais e as construções classificadoras estão sujeitos a convenções linguísticas, relações gramaticais e contextos culturais específicos. Sua interpretação exige conhecimento da língua e das condições discursivas em que são empregados. Dessa maneira, o estudo dos classificadores e das metáforas visuais contribui para combater concepções que reduzem as línguas de sinais a gestos espontâneos. Ao contrário, evidencia a existência de recursos linguísticos complexos, capazes de produzir descrições, narrativas, abstrações e efeitos poéticos.

Em síntese, os resultados da análise bibliográfica indicam que os classificadores podem contribuir para a organização visual do discurso e integrar construções metafóricas quando estabelecem relações conceptuais entre diferentes domínios de experiência. Sua compreensão exige, portanto, uma abordagem que articule aspectos gramaticais, semânticos, discursivos e culturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar a relação entre classificadores e metáforas visuais no discurso em Libras, considerando suas contribuições para a construção de sentidos, a expressividade linguística e a representação de conceitos abstratos. A discussão teórica permitiu compreender que esses recursos participam de diferentes processos discursivos, incluindo a descrição de entidades, a representação de movimentos, a organização espacial e a produção de efeitos expressivos.

ISSN: 2358-8829

Os classificadores constituem recursos importantes para a representação visual e espacial em Libras, permitindo apresentar características de referentes e relações entre elementos do discurso. Quando articulados a outros recursos linguísticos, podem contribuir para a construção de narrativas mais detalhadas e expressivas. Contudo, nem toda construção classificadora é metafórica, uma vez que a metáfora pressupõe uma relação conceptual entre domínios distintos, cuja identificação depende do contexto discursivo.

A teoria da metáfora conceptual, proposta por Lakoff e Johnson (1980), oferece subsídios para compreender como experiências concretas podem participar da expressão de conceitos abstratos. No contexto das línguas de sinais, a organização espacial, os movimentos e os recursos corporais podem contribuir para a construção dessas relações, ampliando as possibilidades de expressão linguística e estética.

A análise do artigo-base, especialmente dos exemplos relacionados à representação do avião e da raposa em *O Pequeno Príncipe*, também permitiu refletir sobre a importância dos classificadores na tradução literária. Esses exemplos demonstram possibilidades de representação de movimentos, personagens e cenas, embora não constituam, isoladamente, evidências de construções metafóricas. Para identificar metáforas, é necessário examinar os sentidos produzidos no contexto e as relações conceptuais mobilizadas pela narrativa.

Conclui-se que o estudo dos classificadores e das metáforas visuais contribui para ampliar a compreensão da complexidade linguística da Libras e para valorizar suas possibilidades discursivas, poéticas e culturais. A tradução literária, nesse cenário, demanda conhecimento da estrutura da língua, das estratégias de representação visual e das referências culturais envolvidas, evitando a transposição mecânica de palavras e estruturas do português.

Como contribuição, o trabalho destaca a importância de aprofundar a formação de professores, tradutores e intérpretes de Libras, especialmente no que se refere ao uso dos classificadores, à interpretação de metáforas e à construção de narrativas visuais. Como limitação, destaca-se que a investigação se fundamentou em análise bibliográfica e documental, sem constituir um estudo empírico sistemático de vídeos. Pesquisas futuras poderão examinar narrativas sinalizadas específicas, identificando as construções classificadoras, as relações metafóricas e os efeitos de sentido produzidos em diferentes contextos discursivos.

Assim, compreender a relação entre classificadores e metáforas visuais significa reconhecer que a Libras dispõe de recursos linguísticos próprios para representar o mundo, expressar experiências e construir significados que articulam corpo, espaço, cultura e linguagem.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Marcos Paulo de. O uso de classificadores na tradução de Língua Brasileira de Sinais – Libras. [S. l.: s. n.], [s. d.]. Dados editoriais não identificados no documento disponibilizado.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 29 out. 2026.

FELIPE, Tanya Amara de Souza. Libras em contexto: curso básico: livro do estudante. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2001.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/rae/article/view/38183. Acesso em: 29 out. 2026.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. Metaphors we live by. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. Literatura surda: produções culturais de surdos em Língua de Sinais. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

QUADROS, Ronice Müller de; KARNOPP, Lodenir Becker. Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SILVA, Sofia Oliveira Pereira Alves Cardoso; ANJOS-COIMBRA, Sofia Oliveira. E o espaço metafórico nas narrativas literárias em língua de sinais. Revista Sinalizar, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 114-135, jan./jun. 2018.

STROBEL, Karin Lilian. As imagens do outro sobre a cultura surda. Florianópolis: Editora da UFSC, 2008.

SUPALLA, Ted. The classifier system in American Sign Language. In: CRAIG, Colette (ed.). Noun classes and categorization. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 181-214.

SUTTON-SPENCE, Rachel; WOLL, Bencie. The linguistics of British Sign Language: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

TAUB, Sarah F. Language from the body: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.